



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do projeto de urbanização da Bacia do
Tucunduba**

Belém-PA, 26 de fevereiro de 2004

Meus companheiros e minhas companheiras da cidade de Belém,
Meus companheiros e minhas companheiras do estado do Pará,
Eu quero dizer para vocês da alegria de estar aqui, com os meus
ministros: o ministro Ciro Gomes; o ministro Celso Amorim, o ministro Ricardo
Berzoini; a ministra Marina Silva; o ministro José Dirceu,

Os nossos queridos companheiros deputados,

O nosso querido companheiro Edmilson,

A nossa querida companheira Ana Júlia,

O nosso querido prefeito de Macapá,

O nosso querido reitor, o Alex,

O nosso querido arcebispo de Belém, Dom Vicente Zico,

E, por último, eu queria dizer ao companheiro Paulo Rocha, ao José
Geraldo e ao Hélio Esteves que – eu não esqueci o João Paulo - acontece que
eu acho que nós precisamos prestar uma homenagem a esse povo sofrido, a
esse povo que simboliza uma grande parte do povo brasileiro, que são os
moradores da Bacia do Tucunduba, que nunca tiveram a sorte de ter um
Presidente da República visitando esse bairro. Nunca.

E, hoje, vocês vão ter o privilégio não de ter um Presidente da
República, mas dois. Porque o nosso querido companheiro João Paulo Cunha,
que é o presidente da Câmara dos Deputados – em função de uma internação
do meu vice, José Alencar, que teve pneumonia e não pôde assumir a
Presidência – foi convidado para vir aqui, num lugar aonde jamais a imprensa
pensou que um Presidente iria tomar posse, num lugar em que jamais se



pensou ter dois Presidentes, para que eu diga a ele, ao companheiro João Paulo, que eu embarco, daqui a pouco, para a Venezuela e ele será o Presidente da República Federativa do Brasil até o meu regresso. E eu espero, João Paulo, que você aproveite esses dois dias.

Está aqui o companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal, companheiro que ajudou na construção dessa obra que nós viemos aqui inaugurar, e que é um companheiro muito antigo, não apenas como economista, mas como militante do PT, e que esse companheiro tenha visto um pouco a diferença da área que ainda não recebeu a drenagem, da área que ainda não recebeu o asfalto, para a área que já está asfaltada.

Que você e o João Paulo, nessa sexta-feira que eu vou estar na Venezuela, discutam e liberem o restante do dinheiro que o Edmilson precisa, para poder terminar essa obra. Porque falta a metade do trabalho. Falta a metade e, quem sabe, a gente possa vir aqui, no final do ano, inaugurar a outra metade ou, pelo menos, já estar com o trabalho num estágio muito avançado.

Então, eu desejo a você, João Paulo, toda a sorte do mundo, nessas 48 horas como Presidente da República do Brasil.

Quero dizer a você, meu companheiro Edmilson, que a gente pode agradecer à Caixa Econômica, pode agradecer ao Presidente da República, pode agradecer ao prefeito, pode agradecer aos deputados, pode agradecer à Ana Júlia, pode agradecer ao Waldir Gander, que vi ali, no escuro, e agora não estou vendo mais. Agora, o que a gente tem que agradecer mesmo é a paciência extraordinária e a capacidade de organização deste povo, que soube esperar, mas soube trabalhar para que esta obra pudesse se concretizar.

Eu quero, Edmilson, aproveitar que estou aqui, em Belém, e anunciar uma coisa que vai deixar a Marina feliz: hoje, eu assinei um decreto consolidando a homologação das terras indígenas Mundurukú. São 2 milhões e 380 mil hectares de terra, em que espero que não tenha mais conflito, que já está legalizada e que os índios possam, agora, decidir o seu próprio destino,



com a ajuda do Governo do Estado, com a ajuda do Governo Federal, para que a gente possa reconhecer, com o maior carinho do mundo, sem ficar dizendo, como dizem alguns, que é muita terra para pouca gente.

Toda vez que a gente for demarcar uma terra indígena, se passar pela nossa cabeça que é muita terra para pouca gente, temos sempre que lembrar que o Brasil era inteirinho deles e que, um dia, tomaram a terra deles e, portanto, estamos apenas fazendo justiça e reconhecendo um pouco das injustiças cometidas no passado.

A segunda coisa, Edmilson, que eu quero aproveitar para dizer é que, em dezembro, os jornais, aqui, da região disseram que nós não iríamos fazer mais as eclusas do Tucuruí. E houve muita exploração. Eu lembro de que, quase na véspera do Natal, dia 30 de dezembro, me ligou a nossa querida Ana Júlia, querendo conversar comigo, com um monte de jornal na mão, para saber se era verdade que o Governo Federal não ia mais fazer as eclusas. Então, eu acho importante dizer ao povo do estado do Pará, ao povo de Belém e ao povo da Bacia do Tucunduba que as eclusas vão ser realizadas, se Deus quiser. Se Deus quiser, haverá condições de inaugurá-las antes do final do meu mandato.

Portanto, toda vez que vocês olharem uma notícia nos jornais ou na televisão de que tal coisa não vai acontecer, é preciso se informar, porque aqui, em Belém, nesses sete anos de governo do companheiro Edmilson, vocês têm a mais exata noção da quantidade de coisas que já se falou contra esse companheiro, da quantidade de denúncias que já fizeram contra ele. E ele, em nenhum momento, perdeu a tranquilidade para honrar o compromisso que ele tinha assumido com vocês.

Nós temos apenas um ano de Governo. E posso dizer a vocês que, hoje, estou ainda mais otimista do que estava quando tomei posse. Sei de todas as dificuldades que o Brasil tem. Eu sabia da dificuldade disso aqui. Viemos aqui em 1998, andando por essas palafitas, uma água podre, e depois nós fomos à Universidade, Alex. E, lá, eu me lembro de que tivemos uma



discussão com alguns companheiros da Universidade: nós cobrávamos da universidade por que ela não colocava as soluções de problemas como esse como uma das tarefas das universidades, não para arrumar dinheiro, porque não é obrigação da universidade, mas para pensar projetos, para pensar alternativas que pudessem fazer com que o povo compreendesse que a universidade termina sendo, indiretamente, uma extensão das soluções dos problemas que o povo pobre deste país precisa. Afinal de contas, são engenheiros, são arquitetos, são profissionais da mais alta competência, que estudaram, que aprenderam e, certamente, sentiriam prazer em devolver para o povo, em forma de projetos, de ajuda, aquilo que receberam do próprio povo, que foi o pagamento da sua própria universidade ou do seu curso universitário.

E eu acho, Alex, que na pouca conversa que eu tive com você no ônibus, percebo que a universidade retoma um papel que nunca deveria ter deixado de exercer, o de ser uma extensão da sociedade que não conseguiu chegar à universidade e de discutir, junto com a sociedade, saídas para que se possa tornar a vida do povo menos sofrível, menos precária do que é. Eu estou convencido de que, se a universidade brasileira assumir essa tarefa como um compromisso político, como um compromisso de honra, eu acho que as prefeituras no Brasil terão muito mais facilidades de encontrar soluções para os problemas que parecem insolúveis do que nós tivemos até hoje onde, em muitos lugares, a universidade parece uma coisa abstrata, tal é a distância dela da comunidade.

Por último – eu não vou ler o discurso que tenho aqui, porque não tem sentido ler um discurso aqui a essa hora da noite, já com uma hora de atraso para embarcar para a Venezuela - eu quero dizer a vocês que nós temos clareza dos compromissos que temos para com o povo brasileiro. Nós sabemos que o Brasil tem um déficit habitacional de 6 milhões e meio de residências. Essa não é uma tarefa simples e uma tarefa fácil, mas na primeira reunião que tivemos com o ministro das Cidades, Olívio Dutra, que esteve



recentemente em Belém, dissemos ao Olívio Dutra: se nós não temos o dinheiro para fazer todas as casas que nós precisamos, nós temos que começar fazer as casas daquelas pessoas que estão em pior situação, daquelas pessoas que não têm como pagar e o Estado tem a obrigação de garantir o direito dessas pessoas morarem. Da mesma forma que nós temos que começar, também, a priorizar as palafitas, porque somente quem mora numa palafita, ou já morou, é que sabe o sacrifício das pessoas que vão deitar à noite sem saber se vão acordar dentro d'água como em muitos lugares deste país.

Essa obra que nós estamos inaugurando aqui, meu querido companheiro Edmilson, é a demonstração de que com disposição política, com compromisso com o povo, podemos fazer muito mais do que já foi feito durante muito tempo, neste país. E vamos provar isso, que a gente pode fazer muito mais.

É importante lembrar a vocês que, em 2002, de 262 milhões que foram anunciados, apenas 19 milhões foram liberados para saneamento básico. No ano passado, nós liberamos 1 bilhão e 700 milhões de reais para saneamento básico. E este ano, a Caixa Econômica Federal – e está aqui o presidente da Caixa Econômica – tem muito mais dinheiro para a gente liberar para obras de saneamento básico e para habitação popular. E vamos fazer com que neste país se crie a consciência que investir em saneamento básico não é enterrar dinheiro. Investir em saneamento básico é a gente cuidar da qualidade dos dentes das pessoas, da qualidade da saúde das pessoas, das moradias das pessoas, porque tem muita gente que acha que não pode enterrar dinheiro. Eu já dizia em 88, 94 e 98 que tem muita gente, Ciro, que prefere fazer uma ponte do que um tratamento de esgoto ou fazer um encanamento para esgoto, porque não dá para colocar um nome de um parente na manilha que está embaixo da terra, mas dá para colocar na ponte.

E o nosso Governo vai provar que é possível fazer o saneamento que o



Brasil precisa que seja feito, porque são milhões, dezenas de milhões de pessoas, que ainda não têm água encanada; são dezenas de milhões de pessoas que ainda não têm nenhum tratamento de esgoto e nem coleta de esgoto; são dezenas de milhões de pessoas que ainda não têm coleta de lixo, ou seja, são atitudes elementares que podem demonstrar a melhoria substancial da qualidade de vida do ser humano brasileiro. E nós vamos isso com a tranqüilidade que entendemos que precisa ser feito, utilizando cada centavo que a Caixa Econômica puder dispor, ora para emprestar, ora para colocar à disposição para fazer casas para as pessoas que não podem pagar. Vamos utilizar os recursos do Ministério das Cidades e vamos garantir que as pessoas conquistem a sua cidadania neste país.

Eu vou dar um exemplo para vocês. De vez em quando a gente vê nos jornais que a economia está bem, mas a política social não está bem. Eu vou dar um dado para vocês aqui, meu caro Dom Zico: em 2001, entre todos os planos sociais do Governo passado, se você colocar Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, PETI, Vale Gás, foram gastos 856 milhões de reais. Em 2002, foram gastos 2 bilhões e 226 milhões de reais – 2 bilhões. Pois bem, meu caro Dom Zico, nós, em apenas um ano, vamos gastar 5 bilhões e 335 milhões, com um detalhe importante: até dezembro do ano passado, nós atendemos 3 milhões e 616 mil famílias, que ganhavam, em média, nos planos anteriores, 22 reais; no Bolsa Família passaram a ganhar, em média, 72 reais, portanto, três vezes mais do que ganhavam nos planos anteriores.

Até julho deste ano, vamos colocar mais 901 mil famílias no Bolsa Família. E, agora, vamos colocar nas regiões metropolitanas, onde tem maior incidência de desemprego e de violência; e, se Deus quiser, até dezembro nós vamos chegar a 6 milhões e meio de famílias atendidas pelo Bolsa Família, gastando praticamente 6 milhões e meio de reais, ou seja, três vezes mais do que foi gasto em 2002.

E quero olhar na cara deste povo aqui, da Bacia do Tucunduba. No meu



discurso de posse, eu disse: se, ao terminar o meu mandato, todas as pessoas neste país estiverem comendo três refeições por dia, já valeu a pena ter sido eleito Presidente. Pois bem, um ano e meio depois, ou melhor, um ano e dois meses depois, posso olhar na cara de vocês e dizer: hoje, estou convencido de que, se até o final do meu segundo ano de mandato vamos chegar a 6 milhões e meio de famílias, eu não tenho dúvida de que, até o final de 2006, nós atenderemos às 11 milhões de famílias que precisam de ajuda para se alimentar e para sobreviver neste país. Não tenho dúvida de dizer: será o maior programa social já visto na face da terra.

E vamos fazer isso sem perder de vista que não é o Bolsa Família que vai resolver o problema do povo brasileiro. O que vai resolver o problema brasileiro são as mudanças estruturais que queremos que aconteçam no Brasil. A economia tem que voltar a crescer, tem que gerar empregos, porque é através do emprego que a pessoa conquista a sua cidadania plena, sustentando a si e a sua família, sem precisar de favor do Governo Federal, do Governo estadual ou do Governo municipal.

Assumimos o compromisso de assentar 530 famílias. Muita gente discute se é pouco ou se é muito. Nem nada é tão pouco, nem nada é muito. O dado concreto é que não queremos repetir no Brasil, meu caro Airtton, os assentamentos que, historicamente, se fazia. A cada problema social que se apresentava, pegavam as pessoas que estavam fazendo o protesto e colocavam no meio do mato. Quando nós tomamos posse, Dom Zico, só para se ter uma idéia, 90% dos assentamentos feitos neste país não podiam tomar dinheiro emprestado do Pronaf, no Banco do Brasil, porque não tinham licenciamento ambiental para funcionar. E nós tivemos que, no primeiro ano, legalizar. E é por isso que liberamos 5 bilhões e 400 milhões do Pronaf.

Hoje, posso olhar na cara do povo brasileiro e dizer: em apenas sete meses, de julho do ano passado até agora, já liberamos 1 bilhão de reais a mais do que tudo que foi liberado no ano de 2001 e 2002, porque, agora,



dinheiro liberado para a agricultura é para o agricultor ir pegar. Se tiver dificuldade, o Banco do Brasil tem que ajudar a resolver. O que não podemos é anunciar o empréstimo no banco e, depois, as pessoas não poderem pegar, porque o gerente do banco não sabe como emprestar o dinheiro para os pequenos neste país.

Nós tivemos uma experiência na Caixa Econômica Federal: 1 milhão de pessoas, em apenas oito meses, abriram conta na Caixa Econômica Federal, numa demonstração de que, quando a gente dá uma oportunidade ou estende a mão, as pessoas sabem aproveitar aquela oportunidade.

É por isso que não poderia ter um lugar melhor para você tomar posse como Presidente, João Paulo. Não poderia ter. Este bairro aqui, João Paulo, é a síntese daquilo que é o povo brasileiro: pobre, mas honrado; pobre, mas digno.

Essas pessoas não estão aqui, agora, por causa dessa festa, não. Porque eu já vim aqui quando a gente não era nem prefeito e esse povo estava junto com a gente, do mesmo jeito que eles estão agora, porque este povo aqui, do Pará, – e eu falo com orgulho – em poucos lugares do Brasil eu sou tratado com o carinho que sou tratado, toda vez que venho a este Estado. Não agora, porque sou Presidente, mas quando eu era oposição, quando perdi as eleições. Esse povo me tratava com o carinho que um pai trata um filho.

Portanto, esse povo, aqui, aprendeu a dizer para as autoridades que respeito é bom e que eles gostam de respeitar e de serem respeitados. Esse povo, aqui, aprendeu a dizer para as autoridades que o que eles querem não é esmola, é direito; o que eles esperam é a cidadania, e não favor.

E é isso, meu caro Edmilson, que tanto incomoda alguns adversários nossos. De repente, eles ficam dizendo: “Não é possível que esses meninos chegaram ao poder e vão fazer tudo aquilo que nós não conseguimos fazer!” Pois olhem na minha cara: vamos fazer mais e muito melhor do que já foi feito neste país, para o povo pobre.



Muito obrigado. Meus parabéns, Edmilson. Meus parabéns, Ana Júlia. E, se Deus quiser, voltaremos aqui para inaugurar o restante da Bacia do Tucunduba.

/mcpro/vpm/lrj